

## Tensões no cenário internacional

Por Celso Lafer

Folha de São Paulo – Janeiro de 2005

A queda do muro de Berlim e o fim da URSS geraram expectativas positivas sobre a possibilidade da construção de uma ordem mundial mais pacífica e cooperativa. No imediato pós-Guerra Fria foram, entre outros, sinais apontando nessa direção: uma maior homogeneidade dos critérios de legitimidade e uma diluição dos conflitos de concepção que promoveram convergências econômicas e políticas, antecipando a construção de consensos gerais; o término do apartheid, que assinalou o fim da mancha racista na África do Sul; a existência de um clima para negociações de desarmamento das quais adviriam "dividendos da paz". O mesmo indicavam a Conferência da ONU do Rio de 92, sobre meio ambiente e desenvolvimento, e a de Viena, de 93, sobre direitos humanos, posto que foram animadas por uma kantiana razão abrangente da humanidade, não atropelada pelas prévias seletividades das polaridades Leste/Oeste, Norte/Sul. Nesse contexto também se insere o fecho da Rodada Uruguaí, que trouxe a consolidação do multilateralismo comercial regido por normas, com a criação da OMC.

O cenário é muito distinto neste término de 2004. Para isso contribuíram as crises financeiras que, na década de 90, afetaram as economias dos países emergentes; o vigor dos protecionismos comerciais; o movimento antiglobalização, que, no plano dos valores, articula uma identidade de resistência à ordem mundial e ao papel dos mercados; os particularismos que instigam a lógica da fragmentação; a destrutividade que assumiu o confronto israelo-palestino, que solapou os acordos de Oslo, dos anos 90; a violência do poder de negação que anima o solipsismo da "razão" terrorista e cuja expressão mais contundente foi o ataque de 11 de setembro de 2001 aos EUA; o unilateralismo da intervenção norte-americana no Iraque em 2003, que questionou o papel da ONU, comprometeu a função estabilizadora do direito internacional e está deixando a vida naquele país ainda mais sujeita à força e à discricionariedade.

---

### ***As tensões de hegemonia e de equilíbrio minam a indivisibilidade da paz e da solidariedade***

A isso se agrega a lamentável intensificação dos fundamentalismos e dos conflitos étnicos de que são exemplos o que se passou ou se passa em Ruanda, nos Bálcãs, no Sudão e na Argélia, que, em conjunto com as teses dos conflitos de civilizações, vêm comprometendo a universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos, previamente consagradas em Viena.

No plano das relações internacionais, a consequência desse estado de coisas tem sido a multiplicação das tensões.

As tensões se diferenciam das controvérsias, como ensina Charles de Visscher. As controvérsias são específicas e configuram um desacordo sobre um objeto suficientemente específico que, por isso mesmo e com mais facilidade, presta-se a um processo diplomático ou jurídico de solução de controvérsias. Os contenciosos comerciais na OMC são disso uma ilustração. As tensões, ao contrário, são difusas. O seu objeto é menos definido. Exacerbam conflitos de concepção sobre a organização da vida em sociedade, razão pela qual são menos redutíveis à razoabilidade de uma lógica diplomática, dificultando o papel da mediação dos terceiros em favor da paz.

Na morfologia das tensões, cabe mencionar as de hegemonia e as de equilíbrio. No cenário internacional contemporâneo, a tensão da hegemonia resulta da preponderância dos EUA em todos os campos da vida mundial e do modo pelo qual os EUA vêm utilizando, no governo Bush, o seu poderio. As tensões de equilíbrio são afetadas pela tensão da hegemonia, mas a sua incidência é basicamente regional, variando de grau à luz das especificidades políticas e das rivalidades de cada região. Nesse sentido, por exemplo, o contexto europeu é distinto do asiático, assim como o africano não se confunde com o do Oriente Médio.

Existem tensões que são um novo desdobramento dos conflitos não resolvidos da Guerra Fria e da descolonização. É o caso da divisão da Coreia; de Taiwan; da Caxemira; e do confronto entre

Israel e palestinos. Existem tensões que provêm da dinâmica do processo de globalização que internaliza o mundo na vida dos países. Entre elas, além das já mencionadas na avaliação do cenário contemporâneo, Aids e pobreza que devastam a África, a generalizada degradação ambiental associada ao efeito estufa, os riscos do crime transnacionalmente organizado do tráfico de drogas e das armas e do potencial da proliferação das armas de destruição em massa.

As tensões de hegemonia e de equilíbrio minam a indivisibilidade da paz e da solidariedade. Desse modo, dificultam a cooperação num mundo interdependente. Esta, por sua vez, é indispensável para lidar com as ameaças à segurança que hoje se originam tanto de atores estatais quanto de não-estatais, em função da fragmentação das cadeias de poder.

É a intensificação das tensões -inclusive na América Latina- que compromete o horizonte de previsibilidade do sistema internacional dentro do qual se move a política externa do Brasil.

---

**Celso Lafer**, 63, é professor titular da Faculdade de Direito da USP. Foi ministro das Relações Exteriores (governos Collor e FHC) e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (governo FHC). É autor, entre outras obras, de "A Reconstrução dos Direitos Humanos - um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt".